

Paralelos entre Yakubinsky e Bakhtin: distanciamentos / *Parallels between Yakubinsky and Bakhtin: distances*

*Robson Santos**

RESUMO

Este estudo propõe uma discussão sobre o trabalho de Yakubinsky e sua influência inicial sobre o Círculo de Bakhtin, analisando-se os distanciamentos teóricos entre Yakubinsky e Bakhtin que se estabeleceram posteriormente. A partir do original artigo de Yakubinsky *Do Discurso Dialógico*, são identificados alguns aspectos que apresentam afastamentos conceituais com o trabalho posterior desenvolvido por Bakhtin, constituindo-se paralelos entre os dois autores, notadamente o automatismo discursivo ou o caráter psicofisiológico defendido por Yakubinsky e um dialogismo de caráter filosófico mais amplo construído por Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Yakubinsky; Bakhtin; Dialogismo; Massa aperceptiva; Linguagem

ABSTRACT

This study proposes a discussion about the work of Yakubinsky and his early influence on the Bakhtin Circle, by analyzing the distances theoretical between Yakubinsky and Bakhtin who settled later. From the original article Yakubinsky Dialogic Speech, was identified some aspects that show conceptual distances with the later work developed by Bakhtin, constituting a parallel between the two authors, especially the automation of discourse, or the character psychophysiological defended by Yakubinsky and a dialogism of philosophical wider built by Bakhtin.

KEY-WORDS: Yakubinsky; Bakhtin; Dialogism; Apperceptive mass; Language

*Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA, Caruaru, Pernambuco, Brasil; robssantoss@yahoo.com.br

1 Yakubinsky e o Círculo de Bakhtin

Lev Petrovich Yakoubinskiy nasceu em Kiev em 1892 e morreu em Leningrado em 1945, tendo iniciado sua vida universitária em 1909 e até 1915 foi aluno da Universidade de São Petersburgo, num período de renovação acadêmica e mudanças na Linguística Russa, tendo como professores importantes o linguista russo-polonês Jan A. Baudoin de Courtenay, Aleksei Shakhmatov (BRANDIST, 2006a, p. 68) e Lev. V. Shcherba (ESKIN, 1997, p.243). Yakubinsky juntamente com Larin e Zhirmunski (BRANDIST, 2006a, p. 68) bem com outros integrantes, como Viktor Chklovski (1893-1984), Iouri Tinianov (1894-1943), Boris Eikenbaum (1886-1959), Viktor Vinogradov (1895-1969), Viktor Jirmunski (1891-1971), criaram a Sociedade para o Estudo da Língua Poética – OPOIAZ – no final de 1916 e início de 1917 (Grillo, 2009, p. 80), iniciando o movimento linguístico que mais tarde seria chamado de Formalismo Russo (Eskin, 1997, p.243), embora posteriormente o próprio Yakubinsky tenha se distanciado do método formal (BUBNOVA, 2009, p.35) em direção ao método sociológico, assim como Tomachevski (GRILLO, 2009, p. 89). Destacam-se duas de suas publicações: *Do Discurso Dialógico*¹(1923) e *A Impossibilidade de uma Política Linguística de F.Saussure*²(1929).

A OPOIAZ existiu de 1918 até 1921 (TOMASHEVSKII, p. 2003) e Lev Yakubinsky também ativamente atuou juntamente com Boris Larin, Shirmunski e Lev Shcherba, dentre outros pesquisadores, no Instituto da Palavra Viva (IZhS) e no antigo Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente (ILlaZV), em Leningrado, onde tanto Voloshinov como Pavel Medvedev estiveram lotados no final da década de 1920 (Brandist, 2006a, p. 68), bem como no Instituto Estatal de Cultura Discursiva (GIRK), nome dado ao ILlaZV na década de 30.

O IZhS foi fechado no verão de 1924 (Brandist, 2006b, p. 146) e foi também um espaço de intensos debates e estudos, com foco nos usos da língua, na oratória e na retórica, destacando-se as formas públicas do discurso, as formas de endereçamento para o ouvinte, as precondições da influência da palavra viva, entre outros assuntos. Dando continuidade às pesquisas no IZhS, Shcherba, Yakubinsky e outros desenvolveram investigações diversas na área da linguística até meados de 1930, já no ILlaZV, o Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente, fundado em 1921, cujas pesquisas tinham escopo de grandes projetos como os de Larin sobre a composição pluralista das principais cidades soviéticas e de Zhirmunski sobre a língua das colônias alemãs na URSS (BRANDIST, 2006a, p. 68). Em 1926 Yakubinsky tinha sob sua direção dois laboratórios do discurso público no ILlaZV (Brandist, 2006b, p. 152) e a partir de 1927 o ILlaZV tinha duas importantes seções: 1) *seção de linguagem* com uma subseção de linguística

¹Do Discurso Dialógico (Yakubinsky, 1923) é objeto de estudo de Kynheg (2003), Eskin (1997) e Santos & Lyra (submetido). Cunha (2005) utiliza o artigo de Kyheng (2003) como referência. Para estudos sobre Yakubinsky encontramos Brandist (2006a, 2006b), Lähteenmäki (2006), Tomashevskii (2003).

²Segundo Severo (2007, p. 72) *A Impossibilidade de uma Política Linguística de F.Saussure* é um “artigo polêmico, intitulado “F. de Saussure sobre a impossibilidade da Política Linguística” (F. de Saussure o nevozmozhnosti iazykvoi politik), escrito em 1929 e publicado em 1931.”

geral, laboratórios públicos de discurso e de psicologia da fala, além de um escritório de linguagem russa contemporânea; 2) *seção de literatura* com uma subseção de metodologia literária, cujo secretário foi Voloshinov, e um escritório de bibliografia (BRANDIST, 2006b, p. 148).

Desenhando-se o rico período da investigação linguística e literária que ocorreu na década de 1920 na Rússia, em vários locais, eram estes os temas principais do ILIaZV, neste período: a) questões da metodologia da linguagem e literatura; b) questões de mudança linguística e literária internacional e nacional na perspectiva cultural e das interações; c) o estudo das linguagens e da criação oral cidades contemporâneas, vilarejos e minorias da URSS (Brandist, 2006b, p. 148). Muito do que se discutiu e foi publicado nessa época tornou-se subsídio para as elaborações do Círculo de Bakhtin, nos seus primeiros anos, sendo Voloshinov aquele que deixou mais clara evidência da referenciação a Yakubinsky não somente nas temáticas adotadas como também na direta observação feita ao antigo mestre, como registrado em nota de rodapé seu *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Voloshinov, 2004, cap 9: O “Discurso de Outrem”, p. 145). Bakhtin, por sua vez, já conhecera as ideias de Yakubinsky desde a década de 20, quando este publicara em 1923 o ensaio *Sobre o discurso dialógico* e mais tarde, entre os anos 1930 e 1931, teria escrito uma série de artigos no destacado jornal de Gorki *Literaturnaia ucheba* com o título *A estrutura de classes da língua russa contemporânea*. A este respeito afirma Brandist (2006a, p. 69): “É esta série de artigos que constitui a base do relato sociológico e histórico da linguagem nos ensaios de Bakhtin dos anos 1930”.

Pode-se afirmar, a partir do exposto e das análises das temáticas discutidas pelo Círculo de Bakhtin em seus livros e artigos publicados, que neste período inicial (década de 20), Yakubinsky tenha exercido forte influência. Cunha (2005), referenciada em François³(2005) afirma que:

Pode-se dizer que há um espírito do tempo, um horizonte de pensamento que aparece melhor à distância. Qual seria este horizonte de pensamento em que Bakhtin situa-se? Há sem dúvida um horizonte de pensamento comum entre *Bakhtin, Voloshinov, Medvedev, Iakubinskii*, por exemplo. Todos são marxistas, no entanto (...) nenhum deles se sacrificou ao ritual do pensamento dialético automático oficial. (CUNHA, 2005) [grifos meus]

É neste período inicial do dialogismo (década de 1920) que podemos encontrar fortes indícios da influência yakubinskiana no Círculo de Bakhtin⁴, discutindo-se questões pertinentes à linguagem, nos primeiros textos de Bakhtin (*Arte e Responsabilidade*, 1919 – *Problemas da Obra de Dostoiévski*, 1929), nas publicações assinadas por Voloshinov

³François, F. 2005. “Langage et pensée: dialogue et mouvement discursif chez Vygotski et Bakhtin”. In François, F. *Interprétation et dialogue chez des enfants et quelques autres – Recueil d’articles*. Lyon: ENS Editions.

⁴Referências a Yakubinsky aparecem nos capítulos de diversos autores organizados por Beth Brait: *Bakhtin e o Círculo* (2009a: p. 35, 80, 88) e *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia* (2009b: p. 119, 146). Vide referências no final deste artigo. Ensaio crítico sobre os textos e livros de Bakhtin são encontrados nas duas obras organizadas por Beth Brait (vide referências).

(*A Palavra na Vida e a Palavra na Poesia*, 1926 – *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 1929) e em Medvedev (*O método Formal nos Estudos Literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, 1928), salientando-se que somente Voloshinov (2004) em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* faz referência a Yakubinsky. Mas quem lê Bakhtin percebe que ele comumente não faz citações das diversas fontes em que fundamentou suas contribuições, como Buber, Kant, Heidegger, entre outros. Em razão disso, Amorim (2009, p.20) comenta que alguns antibakhtinianos admitem plágio por parte de Bakhtin em relação a autores que ele não menciona, quando deveria fazê-lo, em seus próprios textos e indicafnos o artigo de Tatiana Bubanov *Être sans alibi: pour un autre itinéraire bakhtinien*⁵.

Assim, embora haja essa forte influência yakubinskiana sobre o Círculo de Bakhtin, nesta fase inicial e bastante produtiva de ensaios e pesquisas realizadas, há que se concordar com Kyheng (2003, *Sumário*) ao afirmar que o artigo seminal de Yakubinsky *Do Discurso Dialógico* (1923) “foi a fonte direta das reflexões de Voloshinov sobre o enunciado, e pelo seu intermédio, da teoria bakhtiniana.”, propondo uma intertextualidade entre esses três autores e construindo três níveis de dialogismo: (I) do diálogo como o fenômeno do discurso (Yakubinsky); (II) do caráter dialógico do discurso interno (Voloshinov); (III) até o dialogismo como polifonia de algum discurso (Bakhtin).

Poderemos afirmar, portanto, que houve uma evidente influência yakubinskiana muito mais sobre Voloshinov, pelas razões de sua aproximação com Yakubinsky durante o período do OPOIAZ (BRANDIST, 2006a, p. 68) e do ILIaZV (BRANDIST, 2006b, p. 148) a ponto de ser citado no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2004, *nota de rodapé*, p. 145), no capítulo intitulado “O ‘Discurso de Outrem’” onde Voloshinov traz o conceito de ‘*fundo aperpectivo*’, discutindo as questões da *reação da palavra à palavra*, da *recepção reativa* à palavra de outrem, das *relações estáveis dos falantes* opondo-se a uma enunciação monológica individual no diálogo. Tais aspectos (reação, reatividade, resposta, monológico e dialógico) são termos comuns que permeiam todo o clássico texto de Yakubinsky de 1923.

Brandist (2006a, p. 69) afirmou que foi aquele artigo de Yakubinsky (*Do Discurso Dialógico*, 1923) e os seus artigos escritos para o jornal de Gorki *Literaturnaia ucheba*, os quais serviram de base para os ensaios de Bakhtin no início dos anos 30, no entanto, poderemos também propor que a ideia de um *automatismo do discurso*, ideia central em Yakubinsky, pode estar na base da concepção de gêneros que Bakhtin elaborou posteriormente⁶ tratando-os como “tipos relativamente estáveis do discurso” (BAKHTIN, 2003 [1951-53], p.262), classificando-os como primários e secundários (idem, pp. 263-268) e introduzindo os conceitos de enunciado e de estilo, para entender como participamos do grande discurso, no qual nos encontramos sempre respondendo a algo ou a alguém dentro de um determinado gênero (primário ou secundário). Ainda poderemos encontrar

⁵VAUTHIER, B.(Ed). Bakhtine,Voloshinov et Medvedev dans les contextes européen et russe. Slavica Occitania, n.25,Toulouse: Departament de Slavistique de l’Université Toulouse, 2007.

⁶Trazemos a referência do livro *Os Gêneros do Discurso* inserido como Adendo no livro *Estética da Criação Verbal* (2003, p.261-306). Nos apoiamos em Sobral (2009, p. 172) para a indicação do ano do texto original *Os Gêneros do Discurso*, escrito entre 1951 e 1953.

resquícios yakubinskianos em Bakhtin ao tratar especificamente do *enunciado como unidade do discurso*, mais adiante na mesma obra (BAKHTIN, 2003, [1951-53], pp. 270-306), no qual, percebe-se o seu esforço para libertar-se dos *automatismos da linguagem*, ora aproximando-se de Yakubinsky nesse sentido, ora criando ‘brechas epistemológicas’ para fugir dessa concepção. Inicialmente Bakhtin afirma que o ouvinte ocupa uma *posição ativa responsiva* em relação ao discurso de outrem (2003 [1951-53], p. 271), traz o exemplo do discurso militar (Yakubinsky primeiramente o fez em seu artigo *Do Discurso Dialógico*) como evidência desse estatuto de responsividade humana pela linguagem que se concretiza (1) pelos discursos subseqüentes ou (2) pelo comportamento do ouvinte (BAKHTIN, 2003 [1951-53], p. 272). Qualquer que seja o enunciado e a sua forma de apresentação (gênero) o ser humano é orientado por uma ‘compreensão ativamente responsiva de efeito retardado’ que pode ser tão imediata (automatizada), como diante a ordem militar, ou mais postergada (refletida) a depender das situações, ou seja, somos culturalmente dialógicos⁷.

Assim como Yakubinsky⁸ reconsiderou a clássica posição passiva do ouvinte na conversação ao afirmar que o ouvinte, durante o discurso do falante, já está ‘conversando’ com ele ou se predispondo para isso (mesmo que não o faça em voz alta), Bakhtin em seu texto *Os Gêneros do Discurso* (2003 [1952-53], p. 271) corrobora-o afirmando que “essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante” (grifos meus). E mais a frente na referida obra, Bakhtin afirma que “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*.” (BAKHTIN, 2003 [1951-53], p. 282) e arremata, por fim: “Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas)” (BAKHTIN, 2003 [1951-53], p. 283).

As considerações do dialogismo ampliadas pelo próprio Bakhtin, contudo, ampliam consideravelmente as ideias iniciais e o foco de estudos que estavam presentes no Círculo bakhtiniano, fortemente influenciadas por Yakubinsky no início da década de 1920. O olhar bakhtiniano vai além das observações do laboratório e das investigações etnográficas, próprias de Yakubinsky, expressando seu estilo filosófico: da análise literária de Dostoievski ou de Rabelais surgem noções mais sofisticadas de polifonia e de heteroglossia, das complexas relações eu-outro; da reflexão sobre a linguagem do cotidiano das pessoas em seus contextos emergem aspectos filosóficos do ser, enquanto autor no evento da ação e

⁷Yakubinsky (1923, § 29) conclui o tópico de seu artigo (4) *Da naturalidade do diálogo e a artificialidade do monólogo* afirmando que tanto o diálogo como o monólogo são manifestações culturais, no entanto, o diálogo é um fenômeno mais natural do que o monólogo, apenas no sentido de trocas de ação-reação que corresponde mais aos aspectos quase biológicos da interação social (psicofisiológicos).

⁸Yakubinsky (1923, § 26) neste parágrafo, do tópico (4) *Da naturalidade do diálogo e a artificialidade do monólogo* do seu artigo traz o exemplo de sua observação durante encontros acadêmicos nos quais os participantes como ouvintes sempre interrompiam o orador ou, mesmo quando não o faziam, suas expressões faciais demonstravam movimentos dos lábios como se ‘falando algo’ consigo mesmo ou ainda quando olhava para o colega ao lado com expressões de acordo, desacordo, sorriso ou desapontamento.

da vontade; da investigação sobre a construção da poética e do romance, evidenciam-se questões de arte e ética, cognição e estética (FARACO, 2009, p. 99), forma e conteúdo, liberdade e responsabilidade, indivíduo e cultura (BERNARDI, 2009, p. 85).

2 Bakhtin, além de Yakubinsky

Para esta discussão, utilizo-me do texto seminal de Yakubinsky *Do Discurso Dialógico* (1923), dos artigos de Kyheng (2003) e de Cunha (2005), identificando os pontos conceituais de Yakubinsky e os distanciamentos epistemológicos que se evidenciam em relação a Bakhtin no que diz respeito à apercepção do discurso e o automatismo da linguagem (Yakubinsky).

O artigo de Yakubinsky *Do Discurso Dialógico* (1923) foi publicado na revista *Discurso Russo*, composto de 8 capítulos e 40 páginas. Os capítulos são apresentados por seções, como identificados a seguir:

1. Das Variedades Especializadas do Discurso (13 seções: 1 a 13);
2. Das Formas de Enunciação Discursiva (3 seções: 14 a 16);
3. Da Forma Direta (8 seções: 17 a 24);
4. Da Naturalidade do Diálogo e Artificialidade do Monólogo (5 seções: 25 a 29);
5. Observação sobre o diálogo comparado com o monólogo oral e escrito (4 seções: 30 a 34);
6. *O Momento da Apercepção na Percepção do Discurso* (14 seções: 35 a 48);
7. *O Diálogo e os Estereótipos Diários* (6 seções: 44 a 49);
8. *O Diálogo e o Automatismo Discursivo* (13 seções: 50 a 62).

Do artigo de Yakubinsky (1923) analisaremos os capítulos 6 a 8 para identificação dos afastamentos teóricos em relação às noções postuladas por Bakhtin. No capítulo 6, o autor define *massa aperceptiva individual* como o conjunto mental das experiências internas e externas já vivenciadas como também das experiências atuais momentaneamente estimuladas pelo discurso do outro. Essa *massa aperceptiva* consiste de dois grupos: 1) elementos permanentes e estáveis, formados pela exposição das pessoas aos ambientes familiares e aos contextos culturais; 2) elementos temporários, os quais emergem das condições imediatas do discurso. Esse acervo de informações construído pelos indivíduos nas interações permite que seja facilitada a compreensão do discurso do outro pela antecipação das sentenças, pela complementação das falas e das palavras ou sentenças que estão ausentes no discurso do outro, enfim, esse conhecimento lexical adquirido ao longo do tempo, numa determinada cultura, facilita a compreensão dos falantes nesta mesma cultura.

Yakubinsky traz exemplos simples como anagramas que estimulam a *criação de palavras* a partir das letras que são apresentadas. De suas explicações apresentamos as letras RAOM, as quais permitem várias construções do léxico, tais como AMOR, ROMA, RAMO, MORA. Decorrentes deste simples exemplo, podemos entender um texto, mesmo que tenha letras ausentes, como a seguir em que subtraímos a letra A: “B_KHTIN E Y_KUBINSKY FOR_M_S GRANDES FIGUR_S D_LINGUISTIC_SOVIÉTIC_”⁹. Outras exemplificações são as reconstruções de vocábulos a partir de um conjunto de palavras abreviadas, solicitando-se que se decifre o seu significado, como as palavras SUBM..., conforme seja o contexto de vivência dos sujeitos submetidos ao teste haverá construções de palavras relacionadas ao acervo de conhecimentos e experiências desses sujeitos, ou a sua *massa aperceptiva*. O militar poderá dizer que signifique SUBMARINO ou SUBMISSÃO, enquanto que o médico poderá entender que seja SUBMAXILAR ou SUBMUSCULAR e o engenheiro-mecânico poderá associar com SUBMOTOR. Exemplos mais sofisticados são aqueles decorrentes de silêncios, de olhares e outros gestos, tons de voz etc, os quais permitem a previsibilidade do discurso alheio.

A previsão ou idéia antecipada do que o outro vai dizer antes que termine a sua fala é o que se pode inferir deste capítulo de Yakubinsky. Tal estado que ocorre no fenômeno da interação induz a uma perspectiva de automatismos da linguagem que incorporamos no cotidiano das falas, permitindo-se que em ambientes muito familiares sejam percebidas as intencionalidades recíprocas, pois há uma *massa aperceptiva* compartilhada entre os membros de tal comunidade. Embora haja pontos de aceitação dessa tese, generalizá-la será dar crédito a um automatismo da fala, correndo-se o risco de não mais estarmos conscientes do que falamos, sendo simplesmente respondentes por estímulos ao discurso do outro.

Bakhtin (2004, p.73-115) em *Problemas da Poética de Dostoiévski* vai trazer observações importantes sobre a voz do autor e a voz do herói (personagem) que dialogam entre si, ao mesmo tempo em que se tornam independentes, não se podendo o leitor nem mesmo o autor adentrar ou saber o pensamento do herói (personagem), é o que ele denomina de equipolência das vozes ou polifonia no romance. “O herói de Dostoiévski é todo uma autoconsciência” (p. 73), cuja acessibilidade somente é possível através de uma penetração dialógica, cuja profundidade revela uma inconclusibilidade, um acabamento (p. 92-93). Ao discutir, também, sobre o enunciado como unidade da comunicação discursiva, Bakhtin (2003 [1951-53], p. 270-306) em *Os Gêneros do Discurso*, apresenta aproximações com Yakubinsky, ao tratar dos gêneros e da posição dos falantes dentro dos gêneros, no entanto, mesmo referindo-se ao “fundo *aperceptível* da percepção do meu discurso pelo destinatário” (grifos meus) ele propõe a ideia de escolhas por parte do falante no que diz respeito aos procedimentos composicionais e ao *estilo* (BAKHTIN, 2003 [1951-53], p. 302).

No capítulo seguinte, Yakubinsky vai tratar do diálogo e dos estereótipos diários, ou frases que são tomadas como clichês usuais do cotidiano, as quais nos valem, mas sem uma análise tão consciente. Expressões usuais como: *Bom dia! Como vai?* são utilizadas quase que automaticamente, inclusive as respostas, no tratamento da polidez social, como

⁹Bakhtin e Yakubinsky foram as grandes figuras da linguística soviética.

‘*Bom dia!*’ e ‘*Tudo bem!*’ formando os pares adjacentes tão bem discutidos na década de 70 pelos conversacionalistas Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Existem ainda aquelas expressões dentro de determinados contextos: ‘*Você é demais!*’ ou ‘*Isto que você fez está certo?*’ que precisam de uma complementação encontrada nos gestos, expressões faciais e no próprio ambiente da conversação para se entender se é uma reclamação ou elogio. Yakubinsky vai defender a idéia de que o ambiente dos falantes é um dos fatores de percepção do discurso, como um momento que possui um valor informativo ao ponto de permitir uma orientação inconsciente, uma resposta automática nas interações realizadas, decorrentes da *massa aperceptiva* já construída.

Bakhtin (2003 [1952-53], p. 270-306) ao aprofundar questionamentos sobre o enunciado como unidade da comunicação discursiva, entende-o como um elo na cadeia do discurso comunicacional e faz análise semelhante a Yakubinsky sobre expressões verbais, escolhendo a oração “o sol saiu” que pode ter, a depender do contexto e das interações entre os falantes, outros sentidos que não apenas o de identificar que é manhã e o sol surgiu no horizonte, por exemplo: “O sol saiu. É hora de me levantar.” ou “O sol saiu. Mas ainda é muito cedo. Preciso dormir mais um pouco.” Bakhtin (2003 [1952-53], p. 288) acrescenta um elemento significativo nesse processo de fala-resposta, de fala responsiva ao enunciado do outro que é a *impressão artístico-ideológica* e a *avaliação*. Além disso, identifica o elemento expressivo, como sendo “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.” (BAKHTIN, 2003 [1952-53], p. 289). E mesmo analisando os tipos bastante padronizados na comunicação discursiva como “*Ótimo!*”, “*Bravo!*”, “*É uma vergonha!*”, “*Uma Besta!*”, Bakhtin reitera o elemento expressivo através da entonação como relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala na comunicação oral.

O capítulo 8 do artigo de Yakubinsky (1923) tratando do Diálogo e o automatismo discursivo compreende treze seções e vem reforçar sua tese dos capítulos precedentes, dando ênfase mais a uma reflexão psicológica que linguística conforme Kyheng (2003, item 8, § 1º). Yakubinsky analisa seis casos de comunicação discursiva, como por exemplo, uma simples reunião de salão, uma discussão, a escrita de um poema, uma reunião executiva, nos quais defende a ideia de que ocorre em todas estas produções discursivas um automatismo da linguagem, através de atos volitivos, que emergem do contexto, em que os falantes simplesmente respondem aos enunciados dos outros, a partir de suas experiências e conhecimentos que constituem sua *massa aperceptiva*.

As seções 53, 54 e 56 do capítulo 8 do memorável artigo de Yakubinsky (1923) reafirmam a concepção do uso inconsciente do discurso, resultante das atividades conscientes automatizadas pelas repetições, exercícios e hábitos nas interações comunicativas. Para Yakubinsky “a forma dialógica contribui para o desenrolar do discurso na ordem de uma atividade automática.” (1923, §56).

Bakhtin, filósofo, como que dialogando consigo mesmo, afirma em seu texto “*O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*”¹⁰:

¹⁰ *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* está inserido como Adendo no livro *Estética da Criação Verbal* (2003, p.307-336). Sobral (2009, p. 175) informa que o texto

É original a natureza das relações dialógicas. A questão do dialogismo interior. O limiar das fronteiras entre os enunciados. A questão da palavra bivocal. A compreensão como diálogo. Aqui chegamos ao extremo da filosofia da linguagem e do pensamento das ciências humanas em geral, às terras virgens. Nova colocação da autoria (do indivíduo criador) – (BAKHTIN, 2003 [1959-1961], p. 325)

Cada frase acima do grande mestre do dialogismo soviético propõe amplas discussões e abre perspectivas outras, que tocam a questão do distanciamento a que visualizamos entre ele e Yakubinsky, quando apresenta os aspectos de *originalidade* que emergem das relações discursivas, de diálogo interno dos falantes (da fala consigo mesmo), de *compreensão* no diálogo, de *bivocalidade* das palavras na simultaneidade de seu uso em oposição a uma univocalidade. Ainda prossegue Bakhtin (2003 [1959-1961], p. 326) discutindo sobre o enunciado dado e o enunciado criado, admitindo que “nunca o enunciado é apenas um reflexo, uma expressão do algo já existente fora dele, dado e acabado.” Nós estamos sempre criando algo que não existia antes, novo e singular sempre relacionado com aspectos axiológicos (a verdade, o bem, a beleza, etc.), embora a partir do já vivenciado, dos referenciais já conhecidos. Pondo em paralelo as considerações yakubinskianas e bakhtinianas, observamos que em Yakubinsky o homem submete-se à palavra (linguagem), como ser de um automatismo lingüístico enquanto que em Bakhtin, embora se detecte a força da linguagem sobre o homem (noção dos gêneros), o ser humano não se lhe submete, não lhe é escravo, portanto não é um autômato da linguagem.

Bakhtin, assim, compreende a complexidade da palavra, como texto, como fala, como expressão do homem, a qual não está em si mesmo, não se encontrada acabada, interna no homem, mas se estabelece nas relações, nas trocas discursivas, no dialogismo. Bakhtin afirma que “A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual.” (2003 [1959-1961], p. 327), portanto, a palavra como linguagem em seu aspecto mais amplo, existe e vive nas relações interacionais, nas criações e transformações que realizamos com e sobre ela em caráter de seres respondentes, mas não autômatos.

Uma das conclusões de Cunha (2005) é inserida neste artigo como concordância nossa ao afirmar que a reflexão bakhtiniana não se restringe apenas à linguagem e à literatura, mas amplia-se para outras perspectivas, entendendo o homem como um ser dialógico que toma posicionamentos, ou seja, assume sua natureza responsiva. Essa responsividade que lhe é inerente difere de uma resposta automática, não é uma resposta psicofisiológica aos estímulos da linguagem, pois requer outras condições que uma simples reflexologia linguística não consegue comportar.

Conclusões

É inegável que o artigo de Yakubinsky (1923) traça fundamentos e propõe tópicos de análise para o estudo da linguística, muitos dos quais somente posteriormente foram

constitui-se de notas escritas em 1959-1961 publicadas na revista russa *Questões de Literatura* (1976, nº 10). A referência que utilizamos é a tradução constante no *Adendo de Estética da Criação Verbal* (2003).

analisados e tomados como pontos de investigação científica como os turnos e pares conversacionais (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974) ou as recentes investigações na área de psicologia, realizadas para o estudo da linguagem (Bertau, 2005; Lyra, 2008). No entanto, consideramos importante ressaltar as limitações do escopo teórico proposto por Yakubinsky nos anos da década de 1920 com referência ao dialogismo e mais especificamente à concepção de linguagem como tendo um estatuto de automatismo. Cabe ainda as observações de Brandist (2006a, p. 82) ao afirmar que Bakhtin continuou ainda por ‘tempo considerável’ respeitoso ao conhecimento soviético de então, no que diz respeito à sociolinguística de Yakubinsky como a de outros estudos contemporâneos seus, realizando sua originalidade ao apresentar aspectos de sua perspectiva idealista para a construção das noções filosóficas do seu dialogismo, e, com isso, avançando além dos seus colegas da década de 1920.

Assim, concluímos que Bakhtin embora tenha se utilizado e sido influenciado pelas ideias inovadoras de Yakubinsky, não permaneceu restrito a elas, mas desenvolvendo-as para a fundamentação de um dialogismo mais amplo, resultado não das investigações de laboratórios, mas tendo uma inspiração de natureza filosófica, muito mais abrangente para o estudo da linguagem e da interação.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-43.
- BAKHTIN, M. [1951-1953] Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal (Adendos)*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. [1959-1961] *O Problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.307-336.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Problemas de la Poética de Dostoiévski*. Trad. T. Bubnova. Madri: CFE, 2004.
- BERNARDI, R.M. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 73-94.
- BERTAU, M-C. *A dialogical perspective for psycholinguistics*. In: BERTAU, M.-C. & FRIEDRICH, J. (Eds.), *Think about language dialogically – Understand action dialogically*. Interdisciplinary conference in summer 2005, Munich University, 2005. Disponível em: [http://epub.ub.uni-muenchen.de/2020/1/Jakubinskij_en.pdf]. Acesso em: 10 jan. 2010.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009a.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b.

BRANDIST, C. Mikhail Bakhtin e os primórdios da sociolinguística soviética. Trad. Carlos Alberto Faraco. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.). 2006. p. 67-88. Original inglês: *The origins of Soviet sociolinguistics*. Journal of the History of the Behavioral Sciences 42:3, 261. 2006a. Disponível em: [<http://www.blackwell-synergy.com/doi/abs/10.1111/1467-9481.00220>]. Acesso em: 1 fev. 2010.

BRANDIST, C. Early Soviet Research Projects and the Development of ‘Bakhtinian’ Ideas: The View from the Archives in *Proceedings of the XI International Bakhtin Conference*. Jyväskylä, Finland, 18-22 July, 2005. Edited Department of Languages, University of Jyväskylä, Finland, 2006a. Disponível em: [<http://eprints.whiterose.ac.uk/2134/1/brandistc4.pdf>]. Acesso em: 1 fev. 2010.

BUBNOVA, T. Voloshinov: a palavra na vida e a palavra na poesia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-48.

CUNHA, D.A.C. da. *Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskii*. In: Investigações e Teoria Literária, vol. 18, nº2, pág. 103-114, julho, 2005. ISSN: Impresso 0104-1320 / Digital 2175-294X. Disponível em: [http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/DorisArrudaCunha_DIALOGISMO-EM-BAKHTIN-E-IAKUBINSKII_Vol18-N2_Art05.pdf]. Acesso em: 10 jan. 2010.

ESKIN, M. *Translator’s Introduction of article’s Yakubinsky On Dialogic Speech (1923)*. PMLA, Vol. 112, No. 2, mar., 1997, p. 243-256. Disponível em: [[http://links.jstor.org/sici?sici=0030129\(199703\)112%3A2%3C243%3AODS%3E2.0.CO%3B2-5](http://links.jstor.org/sici?sici=0030129(199703)112%3A2%3C243%3AODS%3E2.0.CO%3B2-5)]. Acesso em: 10 jan. 2010.

FARACO, C.A. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 95-111.

GRILLO, S.V. de C. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 73-96.

KYHENG, R. Aux origines du principe dialogique. L’étude de Jakubinskij: une présentation critique. In *Texto! Textes et cultures*, vol. VIII, nº 4, décembre 2003. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/Inedits/Kyheng/Kyheng_Jakubinskij.html]. Acesso em: 10 jan. 2010.

LYRA, M.C.D.P. & BERTAU, M-C *Dialogical practices as basis for self*. Studia Psychologica. Vol. 8, 173-193, 2008.

SACKS, H; SCHEGLOFF, E.A. e JEFFERSON, G. *A Simplest systematics for the Organization of Turn-Talking for Conversation*. Language 50: 696-735, 1974. Disponível em: [<http://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/schegloff/pubs/>]. Acesso em: 10 jan. 2010.

SANTOS, R. & LYRA, M.C.D.P. *Paralelos entre Yakubinsky e Bakhtin: aproximações*.

Submetido à Revista de Psicologia Paidéia, 2009.

SEVERO, C.G. *Por uma Perspectiva Social Dialógica da Linguagem: Repensando a Noção de Indivíduo*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, SC. 2007.

SOBRAL, A. Estética da Criação Verbal. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 167-187.

TOMASHEVSKII, B. *The new school of literary history in Russia*. (Critical Essay), 2003. Disponível em: [<http://www.encyclopedia.com/SearchResults.aspx?Q=BORIS%20TOMASHEVSKII>]. Acesso em: 10 jan. 2010.

YAKUBINSKY, L.S. *On dialogic speech*. Trad. M. Eskin. *PMLA*, 112, 243-256. (Originally published 1923), 1997. Acesso em: 10 jan. 2010.

VOLOCHINOV, V.N./BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

Recebido em 26/03/2010
Aprovado em 20/05/2010